

CALAMIDADE NO RS

LEANDRO DOMINGOS/GES-ESPECIAL



Caixa d' água serve para resgatar roupas e itens de dentro de casa ou levar alimentos

Moradores preocupados com dificuldades para os resgates

Leandro Domingos
leandro.domingos@gruposinos.com.br

Desde quinta-feira (2) quando a catástrofe que atingiu o Estado tirou milhares de pessoas de casa, a Estação Fátima se tornou ponto de referência para resgates de quem mora nos bairros Fátima e Rio Branco.

Os dias foram passando, no entanto, e a movimentação de voluntários diminuindo. Embora equipes do Corpo de Bombeiros, Defesa Civil e militares sigam mobilizados para tirar pessoas que tiveram de sair de casa e permanecem ilhadas, o contingente não é suficiente. “Há casas no Rio Branco em que há somente o telhado de fora e estamos concentrando resgates e buscas nestas áreas onde o risco é maior”, afirma, Igor Souza, que está de volta à gestão da Defesa Civil. Ele aponta que os integrantes do órgão permanecem incansáveis agindo em áreas de risco.

Conforme relatos à reportagem, há muitos “turistas” percorrendo a inundação causada, sem nenhuma

preocupação com resgate ou salvamento.

Morador do bairro Fátima, Paulo Doralindo Ortiz, 64 anos, precisava tirar de casa a irmã que permanecia ilhada desde o domingo (5). Ele acabou conseguindo ajuda apenas com um vizinho que montou uma espécie de balsa.

“Olha que implorei, mas teve um rapaz que me disse para procurar a imprensa. Entendi que se não for amigo do barqueiro, a gente fica a Deus-dará”, conta. Conforme aponta o aposentado, há centenas de tonéis sendo usados pelos moradores. Até mesmo como balsa improvisada, o que tem ajudado muitos na locomoção entre áreas onde a inundação é maior e torna a travessia mais ariscada.

“Entraram em uma indústria química e pegaram todos os tonéis que existem”, revela. “Alguns são usados pelos moradores, que têm se ajudado construindo balsas para resgate”, explica.

Professor teve que entrar em casa com a água no peito

Também morador do bairro Fátima, o professor Tiago Martini Wedman perdeu tudo o que havia em casa, mas conseguiu escapar com a mulher e os dois filhos. Ele também reclama de abandono.

“Tive que me virar do jeito que deu e hoje ando para cima e para baixo com água na altura do peito para tentar pegar alguma coisa em casa”.

Bombeiro oriundo

do interior do Estado e atuando nos resgates nos bairros Rio Branco e Fátima, Carlos Menezes observa que os resgates são avaliados conforme a urgência da vítima.

“A gente vai atrás de todos os relatos que chegam”, avisa. “Temos dificuldade é para convencer algumas pessoas a saírem de casa devido ao medo de serem roubadas”, acrescenta.



Bombeiros do Paraná reforçam resgate

O Corpo de Bombeiros do Paraná passou a reforçar o 8º Comando Regional de Bombeiros nas buscas e resgates em Canoas a partir da tarde desta quinta-feira (9), conforme a Defesa Civil municipal.

Os bombeiros estão concentrados, com caminhões, caminhonetes, furgões e barcos, na frente da sede do Comando Regional, área onde também está parados os agentes da Força Nacional.

O reforço era esperado tendo em vista a necessidade de equipes na água, conforme o secretário adjunto Igor Sousa. “Estamos recebendo apoio de outros estados e isso é muito positivo. Toda ajuda é bem-vinda neste momento que é extremamente delicado para a população.”

Segundo Igor, Canoas também já recebeu apoio de profissionais de Santa Catarina, São Paulo e até de Goiânia. “O pessoal está se concentrando junto a Defesa Civil e partindo para pontos inundados, onde há necessidade.”

Novo hospital de campanha começa a ser montado

Nesta quinta-feira (9), o segundo hospital de campanha de Canoas começou a ser montado, junto do Hospital Nossa Senhora das Graças (Rua Santos Ferreira, 1864). Oficiais do Exército Brasileiro do Distrito Federal, de Santa Catarina, do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul atuam na construção da estrutura. O hospital começa a operar no sábado (11), e funcionará diariamente das 8 às 18 horas. A unidade é um dos três hospitais de campanha do Município.

Água volta ao normal em 70% das residências

A Corsan estima que em torno de 100 mil imóveis da área Leste de Canoas já tinham água potável nesta quinta-feira (9). Isso corresponde a até 70% dos clientes. No entanto, a pressão ainda varia, e a companhia está tomando medidas para que, em até dois dias, haja uma normalização. Segundo a Corsan, o abastecimento de água em Nova Santa Rita também está com 70% da capacidade normalizada. Como o sistema ficou inoperante por vários dias, ainda poderá ocorrer instabilidade na rede durante o dia.

6 mil refeições servidas diariamente

O Centro de Eventos Olmiro Brandão, em Nova Santa Rita, conta com 100 voluntários envolvidos na organização, logística e preparo das refeições para a população desabrigada. “São 6 mil refeições realizadas por dia. As doações vem de várias partes do país”, diz o voluntário, Julio Balestrin. As principais necessidades são: alimentos, água, produtos de higiene e limpeza.

Canoas

Uma cidade de Ulbra abriga 6 mil

Universidade teve que se organizar para

Valentina Bressan
pautadc@gruposinos.com.br

Desde que passou a receber os desabrigados da maior enchente da história, o campus da Universidade Luterana do Brasil em Canoas se transformou em uma cidade. “Estávamos preparados para receber 300 ou 400 pessoas. Em 48 horas, eram 6 mil”, conta o reitor Thomas Heimann, que desde sexta-feira é responsável pela coordenação do alojamento.

No domingo, a reitoria realizou uma reunião com a Polícia Civil devido às preocupações com a segurança. Uma prisão foi realizada no abrigo por importunação sexual. “Aqui é uma cidade dentro da cidade. É o mundo real, mas estamos num clima de paz”, garante.

A universidade deve seguir como abrigo por, no mínimo, 45 dias. Segundo a Prefeitura, levará até 60 dias para que a água escorra. “Isso vai ser a casa dessas pessoas por muito tempo”, diz Heimann.

Não há prazo para o retorno das aulas presenciais, mas a instituição articula, junto da Prefeitura, a realocação gradativa dos abrigados em locais mais adequados para moradia.

Maria Dolair, 59 anos, é uma das pessoas que tenta converter um ginásio da Ulbra em algo parecido com uma casa. “O que nós temos é o que está aqui: meu filho, neta, nossos animais”, conta. A família compartilha um pequeno espaço em uma quadra que servia para a prática de esportes. Jhenifer Maier, 27, terapeuta e enteada de Maria, diz que “a ficha de ter que deixar a casa por causa da inundação, no bairro Mathias Velho, ainda não caiu”.

Segundo Maria, com o desabastecimento da cidade, era necessário racionar água mesmo ali. A família conseguiu colchões, mas faltam cobertores, necessários com a queda na temperatura. “Aqui é tudo aos poucos, porque é muita gente.”



Ulbra, no bairro São José, estima

+ Organização

Rafael Fehlberg, 42, engenheiro que se voluntaria diariamente na Ulbra, explica que a organização foi gradual. “É uma operação de crise. Nós recebemos muitos alimentos como leite, água, cesta básica e agora estamos vendo as demandas menores, como bola de exercício para fisioterapia, alimentação líquida para pacientes sondados”, explica.

Diariamente, quatro refeições são oferecidas. A brinquedoteca ocorre todos os dias, às 16 horas. Na quarta-feira (8), animadores de festa ofereceram balões e pintaram o rosto das crianças. Também há um “momento de fé” às 20 horas, com música e orações na Capela Universitária.

Vinte salas foram separadas para acolher especificamente



Maria e Jhenifer também salvara

